

Vol. 01, **Nº 03** (2024)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE LETRAS

POESIA NA SALA DE AULA: TRABALHAR OU NÃO TRABALHAR, EIS A QUESTÃO

Augusto Stevanin

Poesia na sala de aula: trabalhar ou não trabalhar, eis a questão

2

Poetry in the classroom: working or not to work, that is the question

Augusto Stevanin¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7090-349X>

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5450457465776340>

RESUMO: Este texto é um ensaio e relato de experiência. Nele há contornos para aquilo que interroga e igualmente seduz quando se deseja trabalhar com leitura, escrita e escuta de poesia na sala de aula, quando toma-se poesia como estratégia de ensino de língua portuguesa e literatura em contexto escolar. Este ensaio é uma tentativa de estabelecer ordem à parte importante do meu percurso enquanto pesquisador interessado pela função poética da linguagem (de modo geral) e pela poesia (em específico), também enquanto jovem professor da escola básica que, tendo como demanda de trabalho o ensino de língua portuguesa e literatura, encontra na poesia certa força catalisadora e potencial para a criação de territórios e agenciamentos férteis às palavras dos estudantes, suas leituras, seus jeitos de ser e estar na linguagem, seus jeitos de fazer trânsito diante dos outros e diante de si, territórios férteis ao estilo dos alunos diante da língua. Nesse ensaio, para dar forma ao trabalho que tenho realizado com poesia, principalmente mobilizo as seguintes ideias: poesia enquanto forma literária, desde Melissa Fornari e Diego Grando; a “função poética da linguagem” em Roman Jakobson (1976); noção de “experiência” desde Jorge Larrosa (2020); e “poética” desde Paul Valéry (2011).

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Língua Portuguesa e Literatura. Poesia. Ficções linguísticas. Experiência.

ABSTRACT: This text is an essay and also an experience report. In it there are contours for what questions and equally seduces when one wants to work with reading, writing and listening to poetry in the classroom, when taking poetry as a strategy for teaching Portuguese language and literature in a school context. This essay is an attempt to establish order in an important part of my journey as a researcher interested in the poetic function of language (in general) and poetry (specifically), also as a young primary school teacher who, having as his work demand the teaching Portuguese language and literature, finds in poetry a certain catalytic force and potential for the creation of fertile territories and agencies for students' words, their readings, their ways of being and being in language, their ways of making transit in front of others and in front of themselves, fertile territories for the students' style in relation to the language. In this essay, to give shape to the work I have done with poetry, I mainly mobilize the following ideas: poetry as a literary form, since Melissa Fornari and Diego Grando; the poetic function of language in Roman Jakobson (1976); notion of experience since Jorge Larrosa (2020); and poetics since Paul Valéry (2011).

KEYWORDS: Teaching Portuguese Language and Literature. Poetry. Linguistic fictions. Experience.

¹ Mestrado (2022) em Estudos da Linguagem - Análises textuais, discursivas e enunciativas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Licenciado em Letras - Português e Literatura pela mesma Universidade. Atualmente, é professor de língua portuguesa e literatura no Estado do Rio Grande do Sul. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7090-349X>. Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5450457465776340>. E-mail: augusto369@gmail.com

A máquina, todas as espécies de máquinas, estão sempre nesse cruzamento do finito e do infinito, nesse ponto de negociação entre a complexidade e o caos. (Félix Guattari - *Caosmose*)

Eu vos digo: É necessário ter o caos em si para poder dar à luz uma estrela dançante. Eu vos digo: tendes ainda um caos dentro de vós. (Friedrich Nietzsche - Assim falou Zaratustra)

Acordes iniciais

Já ocorreu ao leitor se sentir em apuros após a leitura de um poema? Poderia haver razão em justapor poemas e apuros em um mesmo enunciado? Razão em trabalhar com poesia na sala de aula?

Neste ensaio, que em alguma medida é também um relato de experiência, me esforço em dar contornos para aquilo que me interrogo e que igualmente me seduz quando tenho desejo de trabalhar com leitura, escrita e escuta de poesia na sala de aula, quando tomo a poesia como estratégia de ensino de língua portuguesa e literatura em contexto escolar. Nesse ensaio, sobretudo, quero considerar a poesia enquanto fenômeno de linguagem passível de ser trabalhado em sala de aula desde uma perspectiva em que o ensino e a aprendizagem estejam inscritos em um paradigma da experiência. A ideia de trabalho aqui se vincula à ideia de experiência com a poesia, experiência que, por sua vez, tem a ver com práticas de leitura, escrita, escuta e diálogo.

Trabalhar ou não trabalhar com poesia em sala de aula, eis a grande questão. Se se decide pelo sim, essa ao menos tem sido minha postura, se se decide trabalhar com poesia em contexto escolar, e isso pois talvez haja alguma crença ou convicção de que tomando o trabalho com poesia enquanto estratégia de ensino é possível construir saberes pertinentes à aprendizagem de língua portuguesa e literatura, podemos então articular e tomar como estruturantes deste texto as seguintes perguntas: a quais riscos e possibilidades nos expomos quando decidimos tomar a poesia como estratégia do ensino de língua portuguesa e literatura? O que pode ser trabalhado e como? O que pode ser ensinado/aprendido?

Este ensaio é uma tentativa de estabelecer alguma ordem através de palavras à parte importante do meu percurso enquanto pesquisador interessado pela função poética da linguagem (de modo geral) e pela poesia (em específico), também

enquanto jovem professor da escola básica que, tendo como demanda de trabalho o ensino de língua portuguesa e literatura, encontra na poesia certa força catalisadora e potencial para a criação de territórios e agenciamentos férteis às palavras dos estudantes, suas leituras, seus jeitos de ser e estar na linguagem, seus jeitos de fazer trânsito diante dos outros e diante de si, territórios férteis ao estilo dos alunos diante da língua.

Essa escrita é elaboração de movimentos, partilha de dúvidas, ensaio de rotas para respostas provisórias, é um percurso por caminhos incertos. É uma conversa. Aqui, em última análise, o trabalho com a poesia é estratégia de ataque à parte daquilo que a cidade-fábrica nos demanda e impõe dia após dia: unicidade e transparência do sentido, rapidez infalível, certezas fixas, eficácia cega, estabilidade padronizante, homogeneidade do ritmo. Neste ensaio, que é tanto uma reflexão quanto um testemunho de minha prática docente, sobretudo, encaro o trabalho com poesia como estratégia de reativação de singularidades no espaço escolar. Reativação de singularidades que se dá enquanto os alunos lêem poesia sozinhos e depois decidem partilhar o sentido que lhes ocorreu, enquanto lêem em voz alta um poema de um autor consagrado imprimindo no texto seu sotaque, ritmo, entonação e pausas, enquanto constroem sentido escrevendo seus próprios poemas, enquanto debatem em roda sobre um poema qualquer.

1. Poesia, um gênero incerto

Quantas vezes nos deparamos com um poema cuja leitura despertou um efeito de completo estranhamento e desterritorialização? Quem nunca, ao ler um poema e se intrigar por aquilo que ele através de certa organização de palavras convocava, sentiu algum tipo de alegria e satisfação? Pode algo ser estranho e desterritorializante e ao mesmo tempo encantador?

Entre as tantas funções que pode assumir a literatura, uma delas é a de desautomatizar a ordenação do mundo tal como estamos habituados, provocar estranheza através da forma ou/e conteúdo elaborado pela linguagem verbal, por fim, desvelar um universo novo apresentando ao leitor um mundo inusitado através da força simbólica das palavras. Em discurso à aula inaugural da disciplina de Semiótica Literária, realizado em 1977, Roland Barthes diz que os saberes que a literatura faz circular são espetáculos dramáticos - “monumentos”, ele pontua - encenados pelas palavras, podemos acompanhar:

Em vez de simplesmente utilizá-la [a linguagem], a literatura engrena um saber no rolamento da reflexividade infinita: através da escritura, o saber

Entre os espetáculos encenados pela literatura através da linguagem verbal, entre os monumentos construídos pela força das palavras, a poesia possivelmente seja aquela que carrega em si maior instabilidade, fazendo dela a forma literária mais incerta. Nos termos de Barthes, podemos pensar, os saberes e sabores postos à mesa pela poesia são aqueles que carregam a maior carga de imprevisibilidade; o espetáculo diante do qual ficamos expostos ao ler um poema, entre as diferentes formas da literatura, é aquele que pode conter em si maior efeito de estranhamento.

Em ‘Incertezas e possibilidades: o que fazer com poesia em sala de aula’, Diego Grando e Melissa K. Fornari nos advertem quanto aos apuros postos em cena pela poesia; eles nos dizem: “entre todos os gêneros literários (e talvez todos os gêneros textuais) a poesia é justamente aquele mais marcado por incertezas” (Grando. Fornari, 2024, p.01). A poesia, essa forma literária, acompanhamos os autores, nos colocam diante de incertezas pois nela:

as palavras podem ter múltiplos significados, a materialidade da palavra (seu som, sua forma visual, sua disposição na página) adquire tanta ou maior importância que o significado, o ritmo do verso nem sempre coincide com a sintaxe da frase, as regras gramaticais podem ser (intencionalmente) desrespeitadas, novas palavras são criadas, enfim, o mundo como o conhecemos, tanto o exterior quanto o interior, é reinventado através da linguagem. (...) ainda há o fato de poemas, embora se pareçam em muitas coisas, são muito diferentes entre si, uns mais solenes, outros debochados, uns profundos, outros puro divertimento, uns reconfortantes, outros desestabilizadores. (Grando. Fornari, 2024, p.01)

Se podemos pensar a literatura em geral e a poesia em específico como monumento de linguagem, é então a poesia a espécie de monumento menos regular. É a poesia o monumento mais enigmático entre as formas literárias.

Do ponto de vista textual, não haveria uma função/intencionalidade pré-estabelecida ao gênero poesia tal como há para um manual de instruções, um artigo de opinião ou uma fábula. Quando alguém escreve um poema, seja por qual for o motivo, é como se tivesse todas as intencionalidades textuais ao seu dispor, podendo, se assim for o desejo de quem escreve, narrar, argumentar, descrever, instruir ou expor ou ainda as cinco operações em uma mesma mensagem verbal. Não tendo uma intencionalidade pré-estabelecida desde o ponto de vista textual, a poesia também não demanda de elementos linguísticos-gramaticais pré-estabelecidos pela função e intencionalidade do gênero; igualmente a própria estrutura da poesia é algo que do ponto de vista textual também fica à mercê do desejo de quem elabora e produz

o poema, ainda que, claro, possamos pensar em estruturas fixas da poesia, como um soneto ou haikai, as estruturas dessa mensagem verbal não ficam restritas a essas formas.

Para Grando e Fornari é precisamente a dimensão da incerteza aquilo o que torna a poesia uma categoria textual tão mágica e que por efeito tanto põe em apuros seus leitores. Mas e quando o desejo é levar poemas para a sala de aula, propor atividades de leitura e/ou escrita, o que podemos fazer com eles se são tão instáveis do ponto de vista da função, dos elementos e da estrutura? O autor e a autora, não sem nos advertir do desafio colocado em cena, dizem que apresentar a dose de incerteza característica da poesia é precisamente uma entre as coisas possíveis de ser ensinada quando se quer trabalhar na companhia de poemas: ensinar “essa carga de inexplicável”, nos dizem.

Entre os riscos, independente do nível de ensino e da faixa etária dos estudantes, os autores apontam:

estão o de cair em lista de procedimentos (figura de linguagem, classificação das rimas, contagem de sílabas poéticas, etc.) e o de definilos excessivamente, reduzindo as infinitas possibilidades temáticas e estilísticas que a poesia oferece e tornando-a um rol de regras a ser observadas, tanto em atividades de leitura quanto de produção. Com isso, podemos acabar tirando dos nossos alunos a possibilidade de vivenciarem a poesia, nas suas incertezas e na sua magia. (Grando, Fornari, 2024, p.01)

É de uma “vivência” diante da poesia que Grando e Fornari nos falam. Sendo a poesia uma categoria textual tão imprecisa, propor vivências aos estudantes com poemas será propor experiências com o incerto e com o mistério. E são essas experiências precisamente que podem fazer do trabalho com poesia - seja no Ensino Fundamental, Ensino Médio, no ensino de Português como Língua Adicional (PLA) - um trabalho prazeroso e estimulante (e, claro, igualmente desafiador).

Se o limite entre finito e infinito é traçado pela força simbólica da linguagem, se os mundos podem ser reinventados através das palavras - os internos e externos -, o trabalho e a experiência com poesia, o trabalho e experiência com a leitura e a escrita de poesia, possivelmente possam ser aliados oportunos quando um professor por exemplo e não por acaso tem por demanda o ensino de linguagem, língua e literatura.

Para que seja possível vivenciar a poesia em sua estranheza e prazer, isso em um território incerto e misterioso, certamente o professor também precisará se expor à experiência do inusitado que a poesia não cansa de convocar. Precisará se expor e estar aberto ao inusitado daquilo que ocorre, nos termos de Roman Jakobson, como “puras ficções linguísticas”.

A expectativa mais sensata diante da leitura de um poema possivelmente seja a de se surpreender: se deixar surpreender pela experiência do inusitado que convocam os poemas.

Ainda que sempre surpreendente, principalmente quando consideramos a poesia que passou a ser produzido à partir das primeiras décadas do século XX no ocidente, as inovações quanto ao conteúdo e/ou forma, as técnicas e experimentações, considerando também a desreferencialização da linguagem executada pela poesia desde Rimbaud e o desregramento dos sentidos, ainda que a poesia no século XXI possa com alguma razão ser equiparada a uma luta livre (ou aliás estar posta para muito além de uma luta livre), aproximação certamente insuficiente e falha, apesar de pertinente, ainda que a poesia no XXI seja a mensagem verbal mais incerta, a poesia é uma mensagem verbal e enquanto mensagem verbal pode ser pensada precisamente desde seu funcionamento linguístico - por mais surpreendente que seja.

Roman Jakobson em 'Linguística e Poética', se pergunta a respeito daquilo que torna uma mensagem verbal uma obra de arte. Diante da questão, estabelecendo diálogo entre os Estudos Linguísticos e os Estudos Literários, repousa suas ideias sobre o conceito de função poética da linguagem; aquilo que pode alçar uma mensagem verbal ao estatuto de obra de arte é, podemos acompanhar no referido texto, um trabalho exercido na própria mensagem verbal.

Tomando a função poética da linguagem enquanto conceito, podemos compreender do ponto de vista linguístico o funcionamento do fenômeno e aquilo que ele mobiliza. E a função poética da linguagem desde aí já não poderá ser encarada apenas como conceito teórico abstrato descolado de alguma prática, ou melhor, de um fenômeno e uma ação verbal, que possa ser a ação da leitura e da escrita. Ação como trabalho e a experiência diante das palavras.

O que conduz o fio reflexivo que Jakobson segue em 'Linguística e Poética' ao se perguntar por aquilo que faz de uma mensagem verbal uma obra de arte é uma ideia de função poética/estética da linguagem. Como chave de leitura para pensar o fenômeno da função poética da linguagem em Roman Jakobson, tomo duas ideias: o "inusitado" e as "puras ficções linguísticas", noções reveladas pelo próprio autor.

Ao se perguntar pelo "critério linguístico empírico" da função poética da linguagem, Jakobson recorre aos dois modos básicos de arranjo utilizados na composição verbal: a seleção e a combinação; ao compor uma mensagem verbal, o falante e o poeta selecionam elementos linguísticos e combinam eles em uma

extensão sintagmática. Quando há o fenômeno e/ou o efeito da função poética em uma mensagem verbal (versificada ou não), Jakobson diz que o eixo da seleção se sobrepõe ao eixo da combinação. Em outras palavras, em uma mensagem verbal na qual se manifesta a função poética da linguagem nenhuma seleção e combinação foi casual: do fonema à palavra, de uma palavra à outra, do fonema à frase e ao discurso, do fonema ao sentido; no Linguística e Poética acompanhamos:

Qual é o critério linguístico empírico da função poética? Em particular, qual é o característico indispensável, inerente a toda obra poética? (...) Se 'criança' for o tema da mensagem, o que fala seleciona, entre os nomes existentes, mais ou menos semelhantes, palavras como criança, guri(a), garoto(a), menino(a), todos eles equivalentes entre si, sob certo semanticamente cognatos – dorme, cochila, cabeceia, dormita. Ambas as palavras escolhidas se combinam na cadeia verbal. A seleção é feita em base de equivalência, semelhança e dessemelhança, sinonímia e antônimia, ao passo que a combinação, a construção da sequência, se baseia na contiguidade. A função poética projeta o princípio de equivalência do eixo de seleção sobre o eixo de combinação. (Jakobson, 1976, p. 129-130).

Em linhas gerais, a função poética da linguagem é um fenômeno linguístico revelado por uma mensagem verbal que se apresenta de um jeito inusitado e ainda como se fosse pura ficção linguística.

Seja desde o ponto de vista conceitual, ou então desde o ponto de vista da composição e do procedimento de escrita e/ou leitura, o fenômeno da função poética da linguagem mobiliza as seguintes ideias linguísticas: eixo de seleção, eixo de combinação, som, sentido, valor e arbitrariedade. Mobilizada também os seis elementos básicos presentes em todo ato de comunicação verbal (remetente, contexto, mensagem, destinatário, contato e código) e suas respectivas funções da linguagem. Quando há em uma mensagem verbal dominância da função poética da linguagem há uma força de um trabalho que recai sobre a própria mensagem verbal.

Do ponto de vista da composição e do procedimento, a função poética da linguagem pode ser chave de escrita e leitura de mensagens verbais inusitadas que não só surpreendem, como também seduzem; enquanto isso, essa mensagem soa como pura ficção linguística que não propriamente oblitera o referente, ou o emissor e o remetente, mas torna todos eles ambíguos. Essa mensagem se passa como uma pura ficção linguística que embora se valha do código, subverte-o. Do ponto de vista da composição e do procedimento, a função poética da linguagem é um mecanismo linguístico que mobiliza conceitos em mensagens verbais concretas - enquanto lemos ou escrevemos poemas, por exemplo.

É bastante curioso que Roman Jakobson em ‘Linguística e Poética’ não discuta ou apresente propriamente as ideias de “valor” e “arbitrariadeade”, conceitos linguísticos basilares da linguística sincrônica apresentados no ‘Curso de Linguística Geral’ de Ferdinand de Saussure, ainda assim, é verdade, Jakobson em seu texto fala em “inusitado” e “puras ficções linguísticas”, tal como compreendo, maneiras originais de tratar das ideias de “valor” e “arbitrariadeade”. Duas lições que o “inusitado” e as “puras ficções linguísticas” nos dão:

A primeira noção - o “inusitado” que o fenômeno da função poética da linguagem convoca e revela - nos faz lembrar que sempre poderá irromper uma mensagem verbal de um jeito surpreendente e isso na medida em que os elementos linguísticos de uma mensagem verbal possam ser apresentados de um jeito diferente daqueles elementos selecionados e combinados em outra mensagem verbal. Ou seja, a ideia de inusitado nos faz pensar que para um elemento linguístico possuir valor em linguística, basta que ele tanto seja diferente quanto seja posto em relação, eis o sentido e o valor em ação de uma mensagem verbal - valor e sentido que são travados entre fonema e o discurso. Nesse sentido, o “inusitado” nos lembra que sempre haverá um novo jeito de organizar os elementos linguísticos de uma mensagem verbal, sempre haverá um novo jeito de selecionar e combinar os fonemas em uma extensão sintagmática.

Já a segunda noção - as “puras ficções linguísticas” - nos diz que frente ao fenômeno da função poética da linguagem estamos diante das palavras e das palavras e não diante das palavras e das coisas. Dito de outro jeito, no fenômeno da função poética há um jogo que se apresenta e se sustenta pela própria relação entre os seus elementos linguísticos, a realidade diante da qual ficamos quando lemos um poema, e particularmente os poemas não cansam de nos mostrar isso, é uma realidade discursiva e não referencial. Aquilo que importa em um poema, ou em um texto no qual está predominante o fenômeno função poética da linguagem, é, sobretudo, uma força quase mágica e encantatória travada pelo jogo entre as palavras. É nesse sentido que podemos dizer que a poesia é magistral no diz respeito à desreferencialização da linguagem, pois a poesia escancara que aquilo que a língua oferece são as palavras e as palavras e não as palavras e coisas. O que o fenômeno da função poética da linguagem revela se passa como se fossem, nas palavras de Jakobson, “puras ficções linguísticas”. E os poetas bem o sabem.

Em última análise, a função poética da linguagem em Roman Jakobson convoca uma total reavaliação da mensagem verbal. Quando compomos uma mensagem verbal ou então lemos um poema, aquilo que a função poética requer

de nós é que saibamos surpreender ou que fiquemos surpresos, no ‘Linguística e Poética’:

10

Quando, em 1919, o Círculo Lingüístico de Moscou discutia como definir e delimitar o campo dos epitheta ornantia, o poeta Maiakovski nos censurou dizendo que, para ele, qualquer adjetivo, desde que se estivesse no domínio da poesia, se tornava, por isso mesmo, um epíteto poético, mesmo “grande” em “a Grande Ursa” ou “grande” e “pequeno” nos nomes de ruas de Moscou como Bol’shaja Presnja e Malaja Presnja. Por outras palavras, a “poeticidade” não consiste em acrescentar ao discurso ornamentos retóricos; implica, antes, numa total reavaliação do discurso e de todos os seus componentes, quaisquer que sejam. (Jakobson, 1976, p.161)

Tomo como chave para pensar a função poética da linguagem a ideia de “ficções linguísticas” pela potência que anuncia, seja do lado de quem reflete conceitualmente, seja para quem precisa compor mensagens verbais ou então para quem lê/ escuta. As “puras ficções linguísticas” em Roman Jakobson anunciam que diante da função poética da linguagem há uma invenção verbal incerta que seduzindo de um jeito surpreendente, convocará uma reavaliação quanto ao discurso e daí que o faz ser o que é. Apesar de incerta e surpreendente, do ponto de vista linguístico, o fenômeno da função poética da linguagem (por se manifestar verbalmente) mobilizará eixo de seleção, eixo de combinação, som, sentido, valor e arbitrariedade.

Retornando à imagem de Roland Barthes: poderíamos dizer que a poesia é o monumento entre as formas literárias mais misterioso. Quando consideramos a função poética, isso desde o ponto de vista dos Estudos da Linguagem e Literários, pois é desde esse entre-lugar que Roman Jakobson propõe o fenômeno da função poética da linguagem, ainda que seja um monumento misterioso, a poesia não deixa de ser um monumento de linguagem, melhor: uma mensagem verbal alçada ao estatuto de obra de arte.

Em síntese: a função poética da linguagem é uma mensagem verbal que se passa como se fosse uma charada linguística tão subversiva quanto sedutora. Que o fenômeno possa ser perspectivado do lado da produção (fala/escrita) ou do lado da percepção (escuta/leitura), será sobretudo uma questão de ponto de vista.

Certamente a compreensão da função poética da linguagem, seja como conceito ou então como procedimento, certamente não poderá ser chave para desvendar o mistério de todos os poemas, poderá servir enquanto chave para a leitura e para a escrita de parte das mensagens verbais em que está manifesto o fenômeno que em si será irrepetível.

Os efeitos de uma reflexão quanto à função poética da linguagem (como conceito/como procedimento) em contexto escolar podem ser muitos; quando

está posta a demanda de aprendizagem de linguagem, língua e literatura e então se decide utilizar a poesia como estratégia de ensino, ora, dar dimensões daquilo que é função poética da linguagem - os conceitos imprescindivelmente atrelados a essa ideia -, o funcionamento do fenômeno e alguma aplicabilidade será inevitável.

3. Um paradigma da experiência

Entre as formas literárias e textuais, a poesia é a forma mais imprecisa, talvez aquela que faça maior fronteira com o caos. Como então trabalhar poesia? É possível ensinar língua e literatura enquanto se trabalha com poesia? O que se pode querer ensinar?

Dimensões do meu trabalho com poesia na sala de aula: tomar a poesia como estratégia de ensino de linguagem, língua e literatura é tomá-la como ponto de partida e ponto de chegada. O contato com a poesia enquanto objeto e método. Trabalhar com poesia tem algo a ver com leitura, escrita, escuta e diálogo. Trabalhar com poesia é poder experienciar a poesia em suas diferentes dimensões. Meu trabalho com a poesia tem sido sustentado principalmente por uma noção de experiência: poder se expor à experiência com poesia têm sustentado a ideia que faço de trabalho.

Em *Notas sobre a experiência e o saber da experiência* (2020), Jorge Larrosa, ao propor, tanto para o campo da educação quanto para o das artes, um deslocamento, se lança pr'álém dos domínios da ciência-técnica ou da teoria-prática. Ele anuncia, acompanhamos, um território muito mais existencial e também mais estético. O que diz o pedagogo e filósofo espanhol é de uma perspectiva que pode ser pensada desde o par experiência-sentido. Uma postura que privilegia a experiência, essa coisa incerta e difícil de garantir, pode abrir terreno propício não apenas a uma cena, aliás, rara em nossa modernidade tardia, como também a um sujeito e a um tipo de saber.

Para Larrosa a possibilidade da experiência fazer tremer um corpo é quando alguém se expõe, não propõe, não se dispõe, não se contrapõe, tampouco se opõe, a experiência em Jorge Larrosa tem algo a ver com uma travessia perigosa no estrangeiro a qual podemos ou não quer se expor. A experiência terá algo a ver com aquilo que “me passa”, não aquilo que “se passa” impessoalmente. Um paradigma da experiência para a educação é inscrever ensino-aprendizagem em um quadrante mais existencial (sem ser existencialista) e mais estético (sem ser esteticista) por ser fortemente marcado pelas singularidades, a sensação e o sentido de cada um, suas palavras e sentidos costurados. A experiência sempre convocará aquilo que é singular de um vivente da cidade onde tudo está armado para que nada nos ocorra.

Um paradigma da experiência - que pode ser um tipo de aposta no incerto, raro e singular - para Jorge Larrosa, se opõe às tendências em que o saber se liga de maneira direta a uma técnica ou a uma prática teórica. Um paradigma da experiência-sentido convoca não um fazer concebido como eficácia técnica aplicada, tampouco poderia convocar um fazer enquanto prática de uma teoria; o par experiência-sentido convoca o fazer como perigo, travessia, um fazer que é se deixar apaixonar por algo de fora e declarar essa paixão com palavras; convoca uma anti-prescrição, um fazer interessado mais no processo do que no produto, um fazer como interrupção do mundo informação cascata.

Um paradigma da experiência-sentido está para além dos pares ciência-técnica ou teoria-prática, revelando um sujeito e um saber da experiência: um sujeito apaixonado que sabe de sua existência. Em Larrosa, o sujeito da experiência se define por sua passividade, receptividade e abertura. Não seria uma passividade contraposta a uma ideia de atividade, como aquela que constitui o par ativo-passivo, em Larrosa, a noção de passividade se liga a uma passividade feita de paixão, padecimento, paciência, como uma “disponibilidade fundamental” e “abertura essencial”. Em espanhol, língua na qual a experiência é o que “nos passa”, o sujeito é como uma superfície sensível e um território de passagem; em francês, em que a experiência é “ce que nous arrive”, o sujeito é um lugar onde chegam coisas, um lugar que recebe o que chega, que dá lugar; em português, italiano ou inglês, “o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos. (Larrosa, 2020, p. 25).

Um paradigma da experiência para a educação é inscrever o ensino-aprendizagem em um território de sensibilidade, reconhecendo esse território como um espaço tanto singular quanto concreto. É reconhecer a relação entre experiência e existência, e reconhecer que o que dá forma ao vivido e ao corpo vivo são as palavras, a atribuição de sentido de cada um. É reconhecer que cada sujeito é a medida de sua própria experiência.

Considerar um paradigma da experiência para a educação de poesia é uma aposta no choque entre universos inusitados. Uma aposta no choque entre uma mensagem verbal incerta que é percebida de um jeito também incerto por um vivente da cidade. O que podemos saber é que para dar as dimensões do efeito desse choque, será necessário disponibilidade, paciência e abertura.

Jorge Larrosa em “Notas sobre a experiência” contrapõe as noções de experiência e trabalho, ele nos diz que o excesso de trabalho é uma entre as coisas que tornam rara a experiência em nossos tempos, diz que não devemos confundir uma coisa com a outra. A ideia a qual Larrosa se contrapõe é aquela do senso comum que nos diz que a experiência é algo que se adquire trabalhando. Nesse sentido, o

trabalho é inimiga da experiência: o trabalho que se revela como ação de um saber técnico ou teórico não interessa ao paradigma da experiência. Ora, conseguiríamos pensar o trabalho de outro jeito?

Se o trabalho for pensado como uma paixão declarada que convoca um saber existencial e estético, pois bem, talvez possamos então aproximar trabalho e experiência. Gostaria de pensar o trabalho como trabalho de padecimento e sensibilidade diante daquilo que está fora. Trabalho como atribuição de sentido à sensação. Trabalho como fazer incerto diante do inesperado. Se trabalho e experiência, assim, poderem se aproximar, o trabalho com poesia, por sua vez, me parece, poderá gozar de grande privilégio enquanto estratégia de ataque aquilo que torna rara a experiência.

A poesia é um gênero literário bastante incerto, ainda que seja impreciso, se comporta tal como uma mensagem verbal. Pensar em um paradigma da experiência articulado ao trabalho com poesia em contexto de ensino-aprendizagem é apostar tanto na carga surpreendente e encantadora carregada pela poesia quanto em uma abertura à sensibilidade e singularidade de um vivente que se expõe aquilo que se passa como ficção linguística. Assim, pensar em um paradigma da experiência articulado ao trabalho com poesia, é apostar na abertura à sensibilidade e singularidade de um sujeito que se expõe a uma mensagem verbal tão enigmática quanto sedutora. É apostar em quem se expõe ao ler em silêncio para si, em voz alta para outro, escrevendo, escutando, conversando, etc., é apostar em quem se expõe a uma abertura à palavra e o sentido que circulam surpreendendo.

Sem querer fazer apelo a qualquer tipo de sentimentalismo, potencialmente poemas são efervescentes quanto aos efeitos das sensações e sentidos. Se a poesia é o astro rei do sistema textual quando observamos as formas literárias desde as lentes das sensações e dos sentidos. Se conseguimos compreender trabalho como trabalho de disponibilidade à travessia e ao perigo, trabalho como paixão declarada, não como garantia da experiência, tampouco técnica ou teoria aplicada. Se conseguimos também aproximar as noções de experiência e trabalho. Ora, trabalhar particularmente com poesia em contexto escolar pode ser uma estratégia bastante potente diante da raridade da experiência, já que a poesia é um excesso de linguagem que faz vibrar fortemente as sensações e os sentidos. Trabalhar com poesia pode ser uma postura que embora não garanta a experiência propriamente, acaba provocando muitas sensações e sentidos bastante estranhos, e por isso esse trabalho pode acabar fazendo com que a possibilidade da experiência seja fértil.

Se trabalho puder ser convocado como um tipo paixão declarada, trabalho de sensibilidade e disponibilidade, abertura e processo, não técnica científica,

tampouco saber teórico aplicado, trabalho e experiência poderão se aproximar. Em última análise, aquilo que poderá haver de mais precioso quando queremos perspectivar a educação desde um paradigma da experiência, ora, é propriamente fertilizar o território para que essa coisa incerta, rara e singular possa eventualmente ocorrer. E a poesia, por provocar muitas sensações e sentidos inusitados naqueles que a ela se expõe, certamente poderá ser uma forte aliada nesse percurso.

4. Trabalho e Experiência

Se a poesia é uma forma linguística muitíssimo imprecisa, como então trabalhar poesia? É possível ensinar leitura, escrita e escuta de poesia? O que se ensina quando se ensina poesia? O que se pode querer ensinar?

Sem ter a pretensão de dar respostas definitivas e últimas às perguntas acima, sobretudo quero dividir algumas dimensões de como tenho conseguido trabalhar e fazer coisas com poesia em contexto escolar, como tenho tentado provocar experiências quando tomo a poesia como estratégia de ensino e aprendizagem de língua portuguesa e literatura

Apresentar a poesia enquanto forma literária incerta, enquanto uma mensagem verbal que se comporta como uma ficção linguística que seduz, inquieta e surpreende, como uma mensagem verbal hiper-instável, pode ser um caminho. Já que as únicas coisas que podemos saber de antemão quanto à poesia é precisamente que ela surpreenderá enquanto articula palavras se armando como monumento de linguagem, o resto... o resto é campo aberto a ser decifrado. A essa incerteza que a poesia revela poderemos estar mais ou menos disponíveis e expostos, mais ou menos abertos à possibilidade da experiência enquanto lemos, escrevemos, escutamos, conversamos.

Querendo dar algumas dimensões de como tenho conseguido trabalhar e fazer coisas com poesia em sala de aula, dou também dimensões de um trabalho e fazer que quero perspectivado desde a noção de experiência. Sendo assim, dar dimensões de como tenho conseguido trabalhar e fazer coisas com poesia é dar diferentes dimensões e possibilidades de abalar-se frente a poesia na sala de aula. Sobretudo aqui quero elaborar uma ideia de trabalho com poesia que tem a ver com leitura de grandes poetas, análise e reflexão linguística-literária, escrita de poemas autorais, leitura em voz alta compartilhada, conversas sobre aquilo que se produz e faz efeito. Ora, o que seria esse trabalho senão possibilidades e dimensões de ter experiências com poesia? Experiências com palavras dos outros? Experiências com as próprias palavras?

Acompanho que Jorge Larrosa diga que o trabalho é inimigo e impede a experiência, uma vez que o “excesso de trabalho” homogeneiza as sensibilidades e os ritmos dos viventes da cidade. O autor opõe trabalho e experiência na medida em que o primeiro impossibilita o segundo. Desse jeito, para aproximar trabalho e experiência, precisamos considerar então alguma ambivalência da própria noção de trabalho. Quando Larrosa opõe trabalho e experiência, toma a ideia de trabalho por seu aspecto negativo, ou seja, trabalho enquanto atividade através da qual os viventes da cidade se desvinculam daquilo que produzem enquanto são explorados. O trabalho, nesse sentido, segue está enquadrado na lógica do modelo de produção tecnocracialcapitalista. Quando o trabalho aliena o vivente diante do que produz, sim, o trabalho impede que a experiência nos ocorra, nos ajuda a pensar Larrosa.

Precisamos, portanto, para aproximar trabalho e experiência, abordar uma noção positiva de trabalho. Desse jeito, tomar trabalho por seu aspecto criativo; não como uma ação que aliena o vivente tanto do que produz ou quanto de suas sensibilidades, pelo contrário, precisamos pensar em uma ideia de trabalho como força criativa que mobilizando sensibilidades singulares pode articular e dar fôlego ao corpo social, e isso sem ignorar o que é singular.

Nesse sentido, tomando trabalho por seu aspecto positivo, podemos desejar que o trabalho com poesia seja um trabalho que carregue em seu bojo o desejo de que experiências nos ocorram, desejo de que ocorram afetos, sensações, sentidos e palavras. Propriamente apostar em um trabalho que se quer catalisador da heterogênese fundante das pessoas no espaço é contrariar a lógica tecnocracialcapitalista de nossos tempos, é contrariar o “excesso de trabalho” do qual nos fala Jorge Larrosa. Assim, perspectivo trabalho enquanto ato criativo, como força apaixonada do corpo-psiquê, trabalho como efeito rítmico de uma subjetividade que cortando o cosmos articula o corpo social. Não o trabalho que em excesso tem impedido que a experiência nos ocorra, não o trabalho como igual ou garantia da experiência, não o trabalho que anula nossa sensibilidade e ritmo respiratório singular. Sobretudo o trabalho como força criativa não é mais que um ponto de vista e principalmente uma estratégia possível de enfrentar a nossa pobreza da experiência.

Na “Primeira aula do curso de poética”, Paul Valéry retorna à etimologia da palavra ‘Poética’, restabelecendo-a desde um sentido primitivo; desviando das concepções prescritivistas e expositivas, o autor retorna e propõe uma noção de “fazer”:

Acreditei então poder resgatá-la em um sentido que leve em conta a etimologia, sem ousar, contudo, relacioná-la ao radical grego - *poético* -, do qual a fisiologia se serve quando fala de funções hematopoéticas ou galactopoéticas. O fazer, o *poiein*, do qual desejo me ocupar, é aquele que

termina em alguma obra e que eu acabarei restringindo, em breve, a esse gênero de obras que se convencionou chamar de *obras do espírito*. (Valéry, 2011, p. 196-197)

16

A ideia de ‘Poética’ em Valéry não assume contornos prescritivos, antes é uma ação que resulta em uma “obra do espírito”: quando falamos de “obra do espírito, acompanhando o autor, “entendemos ou o final de uma certa atividade, ou a origem de uma outra certa atividade” (Valéry, 2011, p. 201). Diante desse objeto, uma obra de arte - um poema ou uma pintura - ou nos ocupamos com a criação do próprio objeto ou o consumimos, nos termos do autor: somos “produtores” ou “consumidores” das obras de espírito. Em Valéry “poética” tem a ver com um fazer que é um ato de fé que cria coisas ou então um fazer que é atribuição de valor e vida posterior a determinada “obra do espírito”.

A ideia que faço de trabalho, desse trabalho que não é garantia, mas possibilidade da experiência, pode vincular-se à noção de “poética” tal como elabora Paul Valéry. Em última análise, neste ensaio compreendo trabalho próximo da noção de “poética” na medida em que trabalho tem a ver com “fazer”. Não um fazer enquanto teoria posta em prática, tampouco enquanto técnica prescritiva, trabalho como um fazer criativo. Trabalho como um ato de fé e atribuição de vida a uma obra do espírito que se inscreve no campo da experiência.

5. Trabalhar/Fazer com Poesia na sala de aula

O trabalho perspectivado pela lógica tecnoracionalcapitalista é apagamento dos afetos e sensibilidades dos viventes da cidade, é alienação quanto à matéria concreta produzida, é esvaziamento do sentido e da vivacidade. O trabalho tecnoracionalcapitalista impossibilita que tenhamos experiências.

O trabalho com poesia, trabalho aí ao lado da ideia de poética proposta por Paul Valéry, poética enquanto fazer criativo, ora, esse trabalho é trabalho de sensibilidade e ritmização singular. Nesse sentido, o trabalho com poesia é tanto estratégia de resistência em relação ao trabalho homogeneizador das sensibilidades dos viventes quanto abertura à possibilidade de que ocorra a experiência.

A poesia entre os gêneros discursivos é a mensagem verbal mais imprecisa, isso do ponto de vista de sua função, elementos linguísticos-literários e também de sua estrutura, nos diz Diego Grando e Melissa Fornari (2024). Apesar de a poesia ser um gênero discursivo bastante impreciso, ela é uma mensagem verbal feita com palavras - palavras selecionadas e combinadas. Apesar de a função poética da linguagem não estar restrita à poesia, fica dilatada neste gênero discursivo, nos

ensina Roman Jakobson. O linguista russo nos diz que a poesia funciona como uma ficção linguística (1976). A experiência em nossa modernidade tardia é uma raridade. Acompanhando o pedagogo e filósofo Jorge Larrosa, podemos vislumbrar um paradigma da experiência para a educação e esse paradigma mobiliza tanto um sujeito quanto um tipo de saber (2020). Trabalhar com poesia é fazer coisas com poemas - criar poemas ou consumi-los, nos diz Paul Valéry (2011).

Se a poesia é uma mensagem verbal tão inusitada, como mesmo podemos trabalhar com essas ficções linguísticas em sala de aula? Independente dos caminhos que poderemos percorrer ao desejar trabalhar com poesia em sala de aula, uma das certezas é o confronto com o inusitado que essas mensagens verbais nos convocam e atualizam. Dimensionar a poesia enquanto uma mensagem verbal inusitada - enquanto um gênero discursivo que mobiliza o imprevisível, seja quando lemos um poema ou então quando escrevemos - ora, já é parte importante do percurso, ou melhor, é saber parte daquilo que ocorrerá certamente durante o percurso.

Ainda, querer que o trabalho com poesia torne o contexto escolar fértil à experiência - a experiência e o sentido para cada sujeito, já que cada sujeito é a medida de sua própria experiência e o sentido que se faz dela nunca é geral, mas sempre singular - é abrir ainda mais espaço para o imprevisível. Portanto, a pessoa que quiser trabalhar/fazer coisas com poesia em contexto de ensino de Língua Portuguesa e Literatura precisará necessariamente sustentar o imprevisível e ela mesma precisará estar disposta a se surpreender diante dos outros, diante de uma interpretação atribuída a um poema, diante da entonação realizada por uma pessoa ao lê-lo em voz alta, diante de uma poema criado por um aluno. Para isso, para sustentar o imprevisível convocado pela poesia, também o imprevisível convocado pela experiência de cada sujeito que se expõe à poesia, ora, para sustentar toda essa força, quem desejar tomar a poesia enquanto estratégia de ensino de Língua Portuguesa e Literatura certamente precisará abrir mão de um saber totalizante e fechado sobre língua e literatura.

Sem nenhuma pretensão de ser prescritivo quanto às estratégias possíveis diante do trabalho/fazer com poesia em contexto escolar, também sem ter por desejo esgotar as possibilidades desse trabalho, tendo até este ponto do ensaio mobilizado as ideias que mobilizei, gostaria de dar um breve testemunho de como tenho conseguido propor trabalhos de leitura, escrita e escuta de poesia. Trabalho esse que toma o confronto com o inusitado da poesia tanto como estratégia para o ensino de língua e literatura quanto como método de ensino. Compreendendo, assim, que se expor às palavras - enquanto lemos em voz baixa o texto de um poeta consagrado ou propomos a produção escrita de um poema autoral, enquanto escutamos uma

pessoa lendo na própria voz um poema seu, quando conversamos sobre poesia - se expor e experienciar as diferentes dimensões que podem assumir as palavras é em absoluto fundamental.

Às dimensões do trabalho com poesia na sala de aula ou às dimensões da experiência com poesia na sala de aula ou sobre como confrontar nossa pobreza da experiência:

Aquilo que tenho feito com poesia inscreve-se no território escolar de duas maneiras. Enquanto professor de língua portuguesa e literatura da educação básica, tenho proposto trabalhos com poesia tanto nas aulas regulares de Língua Portuguesa, ou seja, em períodos obrigatórios, quanto em oficinas que oferto no turno inverso e que não são obrigatórios. Apesar de algumas especificidades que carregam cada um desses espaços, em um e no outro, o objeto e o método de ensino e aprendizagem são os mesmos: expor-se à poesia. Nesses territórios em que está em causa o ensino e aprendizagem de língua e literatura, trabalhar com poesia é fazer coisas criativas com ficções linguísticas e é também a possibilidade de que experiências ocorram nas pessoas.

Selecionar os poemas que serão lidos nos encontros é ponto de partida para o trabalho. A seleção dos poemas é feita tendo em vista aquilo que se deseja discutir nos encontros, já que aquilo que lemos e refletimos sempre repercute na proposta de produção textual, que é um dos momentos finais das dinâmicas realizadas em sala de aula. Essa seleção pode se dar, por exemplo, em razão de questões de forma, conteúdo, temática, etc. Já a dinâmica em aula segue, via de regra, a seguinte ordem: primeiro, ler poemas de poetas; em seguida, analisar e refletir sobre questões linguísticas e literárias a partir das leituras dos poemas selecionados; propor depois tarefas criativas de produção textual tendo em vista o percurso analítico e reflexivo traçado; para por fim propor a leitura em voz alta dos poemas autorais e conversar sobre os efeitos dos textos escritos, lidos e estudados.

O trabalho da seleção dos poemas nunca é uma tarefa fácil, já que os poemas selecionados funcionam como ponto de partida. A leitura de poemas é tampouco menos desafiadora, uma vez que, não raro as interpretações, as interpretações muitas vezes são bastante surpreendentes e isso, por vezes, sobre um mesmo poema. Aquilo que é interpretado e sentido atribuído por um aluno a um poema, a leitura que ele faz, no geral, não é igual ao que é interpretado e atribuído por seu colega. E isso, retomando aquilo que Fornari e Grando discutem, tem a ver precisamente com a carga do imprevisível e inquietante que pode carregar um poema. Acompanhar esse trabalho de leitura de poemas, de atribuição de sentido, ou nos termos de Valéry, esse trabalho de atribuição de vida posterior a uma obra de espírito, é uma tarefa

que exige muita plasticidade em termos ir e vir enquanto está sendo negociado as sensações e os sentidos daquilo que é selecionado e combinado no poema, daquilo que se passa como pura ficção linguística.

É em razão de os poemas serem muito instáveis que é necessário ter mais ou menos claro aquilo que precisa de algum jeito conduzir as leituras, por exemplo, uma questão de forma, uma questão de conteúdo linguístico-literário, uma questão temática, etc. É importante tornar o espaço do trabalho com poesia fértil à experiência de cada um, certamente; também é importante conseguir conduzir esse percurso bastante impreciso. Nesse sentido, as questões de forma, conteúdo, tema, funcionam como balizas necessárias, pois são balizas linguísticas-literárias-pedagógicas de extrema relevância nos processos de ensino e aprendizagem.

As propostas criativas de produção textual - escrita de poemas autorais - são um dos pontos de chegada das dinâmicas do trabalho que tenho exercido. O trabalho da seleção dos poemas sempre repercute no trabalho da leitura dos poemas, isso pois aquilo que determina um conjunto de poemas selecionados relaciona-se com o que quer ser evidenciado nos textos lidos. Por sua vez, o trabalho de leitura, análise e reflexão linguística-literária igualmente repercute no trabalho de escrita de poemas autorais, já que essa tarefa sempre está relacionada com alguma questão revelada pelos poemas lidos, por exemplo, formas fixas da poesia, questões de metrificação, rimas, figuras de linguagem, temáticas, pessoa do discurso através da qual o eu-lírico se expressa e efeitos de sentido, etc.

O ponto de chegada do trabalho com poesia que tenho realizado em contexto escolar é, por fim, a leitura em voz alta das ficções linguísticas elaboradas pelos alunos, um tempo de partilha, diálogo e repercussão dos efeitos. Um tempo de escuta daquilo que foi criado por alguém, tempo de perceber na voz de quem criou um poema, sua própria ficção linguística em seu timbre e ritmo, tropeços e hes/(x)itações. Nesse tempo da leitura em voz alta e circulação dos efeitos e sentidos, a escuta certamente é constitutiva, ou seja, não é uma ação passiva, pelo contrário, a escuta é também uma das dimensões do trabalho e da experiência diante da poesia, e é esse trabalho de escuta o que torna possível o trabalho do diálogo, trabalho que é fundamental em ambiente escolar quando se tem por desejo que os alunos lidem bem com suas próprias palavras e com as palavras dos outros, pois essas são coisas que o trabalho com poesia também pode ensinar.

A concepção desde a qual elaboro este ensaio é de um trabalho com poesia que é apostar em incertezas, incertezas diante das sensações e sentidos de poemas lidos, incertezas diante das sensações e sentidos de poemas criativamente escritos, incertezas daquilo que podemos escutar de um poema sendo lido em voz alta.

Trabalhar com poesia é se dispor ao inusitado dessas mensagens verbais que se passam como puras ficções linguísticas, é fazer coisas com essas obras do espírito, é caminhar no contra-fluxo dos imperativos da lógica tecnoracionalcapitalista que é hegemônica em nossos tempos de modernidade tardia, é apostar na possibilidade da experiência. Talvez seja difícil dizer com precisão aquilo que se ensina enquanto é feito um trabalho com poesia em contexto escolar, e isso em razão da própria natureza da poesia, entretanto, certo é que coisas são aprendidas enquanto há percurso nesse território incerto. Caberá a cada pessoa que tiver o desejo de se aventurar fazer escolhas, ter palpites, leituras, ter uma própria escuta sensível diante do que ocorre, caberá a essa pessoa se expor ao que ocorre e tirar suas próprias conclusões, talvez conclua que as conclusões nem sempre são as coisas que mais importam.

6. Outros acordes

Wislawa Szymborska, poeta polonesa contemporânea, dá uma lição e tanto em ‘Tem aqueles que’ ao tecer belíssimo elogio àquilo que é incerto. O poema integra seu livro ‘Chega’, publicado em dois mil e doze. Acompanhamos:

Tem aqueles que executam a vida de modo eficaz,/ põem ordem em si mesmos e ao seu redor./ Têm resposta correta e jeito para tudo./ Adivinham logo quem a quem, quem com quem,/ com que objetivo, por onde./ Batem o carimbo nas verdades únicas,/ colocam no triturador os fatos desnecessários,/ e as pessoas desconhecidas/ em fichários de antemão destinados a elas./ Pensam só o quanto vale a pena,/ nem um instante mais,/ pois detrás desse instante espreita a dúvida./ E quando recebem dispensa da existência,/ deixam o posto/ pela porta indicada./ Às vezes os invejo/- por sorte isso passa. (Szymborska, 2016, p.305)

Há no poema de Wislawa uma recusa em relação àquilo que se coloca com eficácia e ordenadamente, recusa àquilo que parece já possuir um sentido fechado, que não dá abertura ao que pode irromper como novidade incerta e desconhecida, aquilo que pode se colocar como estranho. Há uma recusa às “verdades únicas”, ao pensamento resignado e bem comportado, recusa aqueles que não se autorizam hesitar nem sequer por um instante, “pensam só o quanto valem a pena”. A poeta, como quem pisca um olho deixando o outro aberto, nos induz à crença de que há alguma inveja em relação a essa postura que é, na verdade, uma postura que regula e é imposta pela lógica da cidade tecnoracionalcapitalista. Entretanto, ao final, provocando um sorriso no canto da boca, revela que essa inveja “por sorte passa”.

O elogio que Wislawa Szymborska elabora em seu poema pode ensinar um tanto de coisas para aqueles que tomam a poesia enquanto estratégia de ensino de

língua portuguesa e literatura, aqueles que se aventuram no território do ensino considerando um paradigma da experiência, aqueles que, sem abrir mão de balizas linguística-literárias-pedagógicas, se importam menos com as conclusões do que com aquilo que pode irromper surpreendentemente, os sentidos, as sensações, as leituras, as palavras. Será importante a quem tomar a poesia como objeto e método estar aberto ao imprevisível do outro e do encontro; precisará talvez fazer as pazes e aceitar o caos e o infinito postos na mesa pela poesia. Aqueles que temerem chegar perto da fronteira com caos-infinito talvez precisem trabalhar com outras coisas que não poesia.

Bibliografia

BARTHES, Roland. **Aula**, aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França. São Paulo: Editora Cultrix, 2013.

FORNARI, Melissa. GRANDO, Diego. Incertezas e possibilidade: o que fazer com poesia na sala de aula. Escrevendoofuturo.org.br. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/sequencia-didatica/poema/index.html>>. Acesso em: 26/09/2024.

JAKOBSON, Roman. “Linguística e Poética”. In: **Linguística e comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.

LARROSA, Jorge. “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”. In: **Tremores**. Escritos sobre experiência. São Paulo: Editora Autêntica, 2020.

SZYMBORSKA, Wislawa. “Tem aqueles que”. In: **Um amor feliz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

VALERY, Paul. “Primeira aula do curso de poética”. In: **Variedades**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2011.

Recebido: 30/09/2024

Aceito: 30/12/2024

Publicado: 31/12/2024

Vol. 01, **Nº 03** (2024)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE LETRAS